

## JORNAL DO SERTÃO

### **Cantadores-**

- Lourival Batista:** - Ô Pinto “pega” de novo
- Severino Pinto:**
- Eu há tempo que “peguei”
  - Mas um instante eu deixei
  - Foi a pedido do povo
  - Eu agora me comovo
  - Dando do verso a expansão
  - Com uma perfeita instrução
  - Que a natureza me deu
  - O teu pensamento é o meu
- Ambos cantam:** - E lá vão dez pés a quadrão.
- Severino Pinto** - Quem pra isto não nasceu
- Lourival Batista** - Não pode cantar “repente”

### **Narração-**

Criada no improviso dos cantadores ou escrita para ser cantada nas feiras e fazendas, a literatura popular em versos é o jornal mais lido do sertão.

{**Legenda:** Severino Pinto – cantador repentista}

O autor do folheto, às vezes também cantador, como Severino Pinto, compõe segundo normas tradicionais. Utiliza-se com mais frequência da sextilha ou da décima, a que chama martelo. Seus temas divulgam gestas medievais da tradição ibérica, gestas do cangaço, romances moralizantes, aventuras de heróis pícaros e críticas de acontecimentos atuais. O poema narrativo às vezes é composto oralmente e só depois escrito em papel ou ditado para que alguém o escreva.

Sua divulgação se faz através de pequenas tipografias onde são impressos e revestidos com capa ilustrada por xilogravura.

{**Legenda:** Manoel Caboclo – Juazeiro do Norte, Ceará}

O editor adquire todos os direitos sobre a obra ao comprar os originais.

As tiragens alcançam, às vezes, centenas de milhares de exemplares distribuídos por todo o Nordeste através de uma extensa rede de revendedores. São estes que espalhando-se por todas as feiras semanais das cidades do sertão, fazem chegar a uma população analfabeta e baixo poder aquisitivo, seu mais eficiente meio de ilustração cultural, o folheto de cordel.

Expressão da tradição, divulgador de valores éticos e sociais de uma sociedade fechada, o folheto não resiste à desintegração do seu mundo. Com os novos meios de comunicação, o rádio, a TV, as estradas a serviço da formação de um mercado nacional único, rompe-se o isolamento do Nordeste. Para que os produtos industrializados do sul e do litoral sejam consumidos neste mercado, faz-se necessário impor novos hábitos, modernos valores e novas formas de comportamento social. O folheto é então re-escrito, moderniza-se em capas coloridas, é impresso em São Paulo e trazido para as feiras nordestinas.

Desta forma a literatura popular em verso refluí para antigos redutos ou adapta-se a novos valores urbanos afim de disputar o mercado existente.

#### **Vendedor de cordel na feira:**

Disse o Gavião:

Tu és aprendiz  
De um cantor de fora  
Mas aqui agora  
Quero ser juiz  
Um projeto fiz  
Sou duro, não enjeito,  
Levo tudo a eito  
Me acabo e não corro  
Não grito socorro  
Quando está sem jeito.

#### **Cantor com rabeca**

{**Legenda:** Cego Oliveira, Crato, Ceará}

Eu vi uma jóia perdida  
Dois mariante(?) a caçar  
Três embarcação no mar  
E quatro piloto na lida  
Cinco vapor de saída  
Vi seis mulher de nobreza  
Avistei sete princesa

Governando oito doutô  
Vi nove governadô  
E dez capitá dividida.

**Três cegas cantam:**

**{Legenda:** As irmãs Regina, Maria e Conceição – Campina Grande, Paraíba}

No mundo tem quatro coisa  
Que não ensino a ninguém  
É nadar no rio cheio  
Ou passar na frente do trem  
Amar quem não me ama  
E esperar o que não vem.

Deus lhe pague a santa esmola  
Deus te leve no andor  
Perfumado de “fulô”  
Sentado à mão direita  
E acompanhando o Senhor.  
Deus lhe pague a santa esmola  
Porque eu não posso pagar  
Deus te dê vida e saúde  
Nossa Senhora lhe dê outra  
Lá no céu quando chegar  
Deus livre do mau vizinho

**Narração-**

A literatura oral refluí para o improvisado das profissões que assumem a miséria ou ainda vivem nos exemplos das emboladas dos cantadores de côco.

**Cantadores de côco-**

**Legenda:** {Golado e Azulão – Caruaru, Pernambuco}

**Azulão:**

Pra quem gosta de poesia  
O Cantador tem valia  
Canta bem e popular  
E pra quem entende  
Quer dizer nossa toada  
Nosso côco de embolada  
É pra rir e pra gozar.

**Golado:**

Eu canto na batucada  
Onde o amigo queira  
Vou de barreira a barreira  
Minha vida é embolar  
Eu canto côco  
É porque compreendo e posso  
Esse é meu Pai-Nosso  
Que eu aprendi a rezar.

E da cantiga eu ganho prosa  
De cantar de improvisado  
Azulão canta rimado  
Eu daqui você de lá  
E a gente canta  
As belezas do Nordeste  
Da região do Agreste  
Caruaru popular  
E tá cantando Golado com Azulão  
E tá agradando a multidão  
E quem na praça apreciar.

Mas nesta minha diversão  
Eu canto um côco pesado  
No côco sou batizado  
E lá vai eu continuando  
Nessa cantiga de cantar  
Eu vou de banda, vou de quina,  
Vou no rio, vou na campina,  
Vou na maré, vou no mar.

Eu vou na sorte, vou na quina,  
Vou na quina, vou na sorte,  
Vou na vida, vou na morte  
Na cantiga de cantar  
É de Golada e de Azulão  
Cantando pra gente que entende  
E analisa e compreende  
A poesia popular

Golado:

Pego a bola, levo a bola  
Me dá a bola, passa a bola  
Não deixa a bola passar  
Mas o canto meio a cantar  
Eu pego o côco, eu levo o côco  
Do côco sacudo o côco  
Eu subo no pé de côco  
Fico no pé de côco  
Na vida, raiz do côco  
Eu tô mais longe do que lá.

Azulão:

Eu também quero embolar  
E manda lá que eu vou na frente  
Com a cara, nariz e dente  
Porque o mar é uma memória  
A cantiga de cantar,  
Quando um vem, o outro vai  
E quando um fica, o outro sai  
E quando um chega, o outro ta.

Golado:

E disse o pai de meu pai  
Mas a mãe da mãe de mamãe  
Disse que a mãe da mãe da mãe  
Que eu dava pra cantar.  
Mas na cantiga de cantar  
Quando estou manifestado  
Com quatro diabo de lado  
Nem a “gota” não me dá.

Eu também quero avisar  
Que o pai do pai de meu pai  
Disse ao pai de papai  
Que o pai do pai de meu pai  
Falou que o pai do pai do papai  
Que o pai do pai do meu pai  
Também batia maracá.

Eu não pego meu papai  
Na cantiga de repente  
Porque sou inteligente



Minha vida é de embolar  
E o pessoal do lugar  
Pode vir de cantoria  
Com calma e diplomacia  
Pra ver o Pedro cantar.

A gente canta com valia  
E o que eu canto sem ter xodó  
Que a avó da avó de vovó  
Disse pra minha avó  
Que a avó da minha avó  
Falou pra avó da minha avó  
Que a avó da avó da vovó  
Que o nome da minha avó  
Se chamava Chica Carôcha  
E ela morreu de boca chocha  
De tanto bater ganzá.

Azulão:

E meu colega com cuidado  
Nós vamos cantar assim  
É meio bom, meio ruim  
É meio lá, meio cá  
E na cantiga de ganzá  
Eu vou de banda, vou de frente  
Vou na boca, vou no dente  
Vou na maré, vou no mar.

Azulão:

Nós tem que cantar repente  
E agora vou terminando

Quer dizer analisando  
A cantiga de ganzá  
Nobre auditório  
Pode pagar pra ouvir  
Vocês diz que é meu amigo  
E agora eu vou encerrar  
Também vou avisando  
Quem quiser dar algum “agrado”  
Pra Azulão e Golado  
Tá na hora de ajudar.

Golado:

E o pessoal com cuidado  
Pode me dar como amigo  
Meu colega de destino  
Que eu quero continuar  
Eu vou saber  
Com o pessoal do “repente”  
E que ajuda muito a gente  
Se o Pedro quer embolar

Azulão:

Nós vai falar do “repente”  
Pra todo o Nordeste amado  
Que vou estar com o Golado  
Como o Azulão ainda tá.

Golado:

Por hoje está encerrada  
Essa nossa cantoria  
Adeus, até outro dia,  
Quando eu posso voltar.



### Cantadores na fazenda-

**Legenda:** { Os irmãos Pedro Bandeira e Daudete Bandeira – Juazeiro, Ceará)

Pedro -Vamos cantar um mourão  
Da poeira levantar.

Daudete -Segura as armas na mão  
Que eu quero me preparar.

Pedro -A você eu não afeto  
Vou cortar-lhe um objeto  
Que a noiva vai lhe deixar.

Daudete -Não queira se exagerar  
nem me dá um rico afeto.

Pedro -Você não vai se casar  
Se eu cortar esse objeto.

Daudete -Você é que está dizendo  
Mas a noiva está contente  
E, por fim, ele está completo.

Pedro -De vovô eu sou o neto  
Mas meu irmão não é.  
-Mas eu recebi afeto  
E já rezei na Santa Sé.  
-Eu sou neto diplomado  
Porém esse foi achado  
Na enchente da maré.

Daudete -Eu sei quem o Senhor é  
E tudo quanto me merece

-Meu irmão eu perco a fé  
Porque você não conhece.  
-Você quer se exagerar  
Na hora que quer cantar  
Se exalta e o verso esquece.

Pedro: -Meu irmão sei que nada ele conhece

É pequeno, é nojento, é muito feio,  
Se intromete aqui no nosso meio  
Mas agora eu rezo a minha prece  
E por nada ele estremece  
É preciso deixá-lo estraçalhado  
É pequeno e está encachaçado  
Alem disso usou a minha camisa  
Mas agora dou-lhe uma “pisa”  
Retalhando em “martelo agalopado”.

Eu já sei que ele é desaforado  
Quer botar todo defeito em mim  
Mas eu sabendo que ele é ruim  
Estou muito na vida conformado.  
Seu Genário, fazendeiro adequado,  
Rogo até que ele ouça e observe  
O Pedro não canta nem escreve  
Além de ruim ele é ordinário  
Hoje aqui na fazenda do Genário  
Vai chorar mas me paga tudo o que deve.

Eu sou o mestre que canta para você

Sou um ... no seu papel político  
Sou igual a Zé Fernandes, grande crítico,  
Sou Roberto cantando iê-iê-iê  
Sou J. Silvestre na TV  
Sou a Rússia na bomba e no fuzil  
Você faz um “martelo” eu faço mil  
Minha voz no Nordeste é quem comanda  
Nem Francisco Buarque de Holanda  
Tem a fama que eu tenho no Brasil

### **Narração-**

Com os novos meios de comunicação consomem-se os novos mitos urbanos. Com os produtos industrializados do sul formam-se novos padrões de comportamento. Para não desaparecer de todo a literatura oral ajusta-se às novas necessidades de seu meio social ou refluí para os redutos mais distantes do sertão. Aí pode-se ainda encontrar numa fazenda de pé de serra o improvisado dos cantadores como a mais eficiente e e por vezes única forma de comunicação elaborada. É o jornal versado que até ele chega de quando em vez, na forma de versos improvisados, afugentando vagas inquietações e dando-lhes quase a certeza de que as coisa não mudaram tanto assim.

**Cantadores:** {Severino Pinto e Lourival Batista}

Pinto: -Pinto é de Caruaru  
Lourival: -Lourival é do Egito  
-Eu estou neste distrito  
-Canto eu e cantas tu  
-Estou vendo a olho nu  
-Por que tão rica visão  
-Gente me dando atenção  
-Nesta hora calma e rica  
-Vendo o que a gente publica  
Ambos: -E lá vão “dez pés a quadrão”  
Lourival: -Que tem já se multiplica

Pinto: -De acordo com a tabuada

-Porque não lhes falta nada

-Só pra saber como fica

-A tua idéia é tão rica

-No quebrado e na divisão

-Do crânio ao coração...

FIM.